

1/6/59

RUBEM BRAGA

CARCO

PARIS perdeu, no dia 25 de maio, uma de suas figuras humanas mais ricas e mais parisienses, Francis Carco, de batismo François-Marie Carcopino, nascido na Nova Caledônia de pai corso e funcionário de um presidio. Era um poeta e romancista que amava o mundo do crime e do vício, usava e abusava do «argot» mas tinha um lirismo simples, quase ingênuo, da linha de Villon e de Verlaine.

Gilberto Amado levou-me a conhecê-lo uma vez, há oito anos, em um apartamento cheio de quadros com uma janela dando para o Sena. Lá estava êle com Eliane Negrin e um caniche real. Contou-nos que estivera visitando Utrillo e lembrando amigos de antigamente, Apollinaire, Modigliani. Sempre que se falava de algum morto o pintor fazia o sinal da cruz. Depois, na sua meio-inconsciência de bêbado místico, Utrillo passou a fazer o sinal da cruz toda vez que dizia o nome de Carco para se dirigir a êle, até que o poeta gritou: «Pára, meu velho! Eu ainda estou vivo!»

Como Gilberto Amado (seu amigo constante da Suíça, durante a última guerra) o achasse bem disposto, êle disse que não era vantagem. Acabava de fazer uma desintoxicação, depois de uma grande temporada de muita comida, muita bebida e muito ópio. «Agora não estou fumando...» E falando de Baudelaire com ternura disse: «coitado, êle fumava ópio em um tempo que a gente não se desintoxicava.»

Lembro-me que a certa altura da conversa fiquei olhando, da janela, a bela tarde de primavera sobre as pontes e a água. Ele notou isso, veio também para a janela e me falou daquela paisagem com uma ternura tão viva que senti nele um homem feliz de viver em uma cidade que êle amava e que o amava. Foi ali mesmo, conta agora em uma crônica Justino Martins, que êle morreu, junto à janela. Foi ali que um dia começou a escrever um conto desta maneira tão simples: «par ce matin plus frais qu'un jeune visage, sous un ciel où des nuages arrondis voguent avec lenteur, la Seine...»